



## 17 DE MARÇO DE 2016

### Quinta-feira

- FIEP MOBILIZA LIDERANÇAS EMPRESARIAIS EM APOIO AO IMPEACHMENT DE DILMA
- ECONOMIA MERGULHA EM INCERTEZA INÉDITA APÓS DIVULGAÇÃO DE GRAVAÇÕES
- EMPRESÁRIOS NÃO VEEM NA VOLTA DE LULA UMA GUINADA À ESQUERDA
- EMPRESA PARANAENSE BUSCA DRIBLAR A CRISE COM VENDAS PARA O MERCOSUL
- ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL SOBE E ATINGE 37,4 PONTOS
- MERCEDES-BENZ CHEGA A MIL SUPERARTICULADOS VENDIDOS NO PAÍS
- MERCADO VÊ MAIOR ROMBO PRIMÁRIO EM 2016 E 2017 NO BRASIL, MOSTRA PRISMA FISCAL
- VENDA PARCELADA DE NOVOS CAI 33,6% NO BIMESTRE
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA ABRE PROCESSO CONTRA VW
- MERCADO PREVÊ DÉFICIT PRIMÁRIO DE R\$ 79,473 BI EM 2016, MOSTRA PRISMA FISCAL
- PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO EM FEVEREIRO CAI 8,7% ANTE FEVEREIRO DE 2015, DIVULGA IABR
- BRASIL TEM MAIOR CARGA TRIBUTÁRIA DA AMÉRICA LATINA
- 76% DOS MICRO E PEQUENOS EMPRESÁRIOS NÃO PRETENDEM INVESTIR
- PERSPECTIVA DE NOVAS CONTRATAÇÕES NO BRASIL VOLTA A CAIR, DIZ PESQUISA
- PROCURA DAS EMPRESAS POR CRÉDITO RECUA 12% EM FEVEREIRO
- INDÚSTRIA CONVOCA LIDERANÇAS PARA DISCUTIR MOMENTO POLÍTICO
- MAIORIA DOS EXECUTIVOS BRASILEIROS VÊ POUCAS CHANCES DE AUMENTO EM 2016
- VALE AMEAÇA CORTAR 50% DA PRODUÇÃO EM MINAS
- INCERTEZAS ECONÔMICAS FAZEM NÚMERO DE FUSÕES E AQUISIÇÕES CAIR EM 2016
- ACP POSTA NOTA DE INDIGNAÇÃO COM A NOMEAÇÃO DE LULA COMO MINISTRO
- CONSERVAÇÃO DE ENERGIA NA INDÚSTRIA
- EMPRESÁRIOS ESTUDAM PARALISAÇÃO E SUSPENSÃO DE IMPOSTOS
- ATIVIDADE SOBE A 42,2 PONTOS EM FEVEREIRO, MAS SEGUE EM NÍVEL DE BAIXA, DIZ CNI

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 17/03/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,613	3,614
<b>Euro</b>	4,088	4,090

**Fonte: BACEN**

## **Fiep mobiliza lideranças empresariais em apoio ao impeachment de Dilma**

17/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



A Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) e diversas entidades empresariais e sindicais se reuniram na manhã desta quinta-feira (17) para discutir sobre a crise política que assola o país.

No encontro, que contou com a participação de cerca de cem lideranças, a entidade formalizou o apoio ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, à não permanência do ex-presidente Lula no cargo de ministro da Casa Civil e ao combate à corrupção em todos os níveis.

“É praticamente unânime a indignação com o que estamos presenciando no país em ordem política, ética, de valores e, em especial, em relação à corrupção. Saímos daqui com uma clara manifestação de que não concordamos com a nomeação do ex-presidente Lula para ocupar uma pasta de ministério, pois está muito claro que o objetivo disso é, justamente, obstruir o trabalho da Justiça”, afirmou o presidente da Fiep, Edson Campagnolo.

Para manifestar esta insatisfação, a Fiep informou que irá preparar um manifesto para ser divulgado na mídia e entregue aos 30 parlamentares paranaenses, em Brasília.

“Todos foram solidários aqui e apoiam que o impeachment seja conduzido de forma legal, atendendo à Constituição. Declaramos o apoio para que o processo vá a termo e que a presidente Dilma tome a iniciativa de demissão voluntária, colocando o cargo à disposição para o bem nacional. Do contrário, estaremos apoiando dentro do Congresso a derruba da presidência diante dos últimos acontecimentos”, declarou.

Campagnolo disse, ainda, que não acredita no argumento de que a nomeação do presidente Lula teria alguma relação com a tentativa do governo de colocar a economia nos eixos.

“Pelos últimas informações veiculadas, temos a demonstração de que o ex-presidente cometeu inúmeros ilícitos, e, se até o presente momento não havia sido chamado para contribuir, está claro que este é um subterfúgio”, pontuou.

## **Lideranças**

O presidente do Instituto dos Advogados do Paraná, José Lúcio Glomb, avaliou como dramática a situação do país e disse acreditar que, sem a união de diferentes lideranças, tal situação não terá uma solução.

“Estamos em um país onde a presidente faz a nomeação de um ex-presidente investigado, o que não é bom para a democracia, constituindo, possivelmente, uma obstrução à Justiça. A grande maioria dos brasileiros não suporta mais esta situação, então a reunião de diversos segmentos busca que ela tenha uma solução pacífica, dentro da lei e das ordens. Mas, sem pressão, acredito que isto não irá acontecer”, avaliou.

A secretária-geral da União Geral dos Trabalhadores (UGT), Iara Freire, também manifestou seu apoio e disse ser este o primeiro passo para que se busque a melhoria do país, que está “desacreditado por conta da corrupção institucionalizada”.

“Trabalhadores e empresários dependem um do outro. Infelizmente, os trabalhadores estão pagando a conta do que o país está vivendo. No que pudermos contribuir nesta luta, pelos direitos dos trabalhadores e pela geração de empregos, estaremos presentes”, disse. A secretária afirmou, ainda, que a entidade deverá assinar o manifesto que será apresentado pela Fiep, desde que sejam respeitadas as instituições e a legalidade.

O arcebispo de Curitiba, dom José Antônio Peruzzo, também participou da reunião e avaliou como grave a situação do país. Para ele, este não é o momento de combater adversários, mas sim de buscar o que é melhor para a nação.

“Não me parece que nestes últimos dias os caminhos em benefício do futuro do país tenham sido a grande inspiração das escolhas e opções. O grande problema de fundo é a corrupção, que é filha de falta de valores éticos”, ponderou.

## **Economia mergulha em incerteza inédita após divulgação de gravações**

17/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

A reação da já combalida economia às gravações envolvendo a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em suposto crime de obstrução de Justiça será a paralisia total. Diante da incerteza que alcançou o mais alto grau ontem, economistas afirmam que tudo vai parar: ninguém compra nada, empresário não investe na expectativa do que acontecerá a partir de hoje.

Além das gravações comprometedoras, a indefinição de qual política econômica o agora ministro Lula vai adotar traz mais incerteza. Não se sabe se o governo vai tentar forçar o crescimento, por meio do estímulo ao consumo, ou se será mais conservador ao indicar a volta ao governo de Henrique Meirelles, que, em 2003, não titubeou em subir os juros básicos de 22% para 26,5% ao ano para combater uma inflação que passava de dois dígitos.

“Nesse contexto de Lula ministro, vazamento de gravações, a economia fica parada, e as coisas tendem a piorar. Essa situação toda tem uma carga muito negativa, matando no nascedouro qualquer expectativa de melhora, seja no campo inflacionário, seja na área fiscal. É praticamente impossível uma recuperação das expectativas nesse contexto. E, sem isso, a economia não anda”, afirmou Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central.

A crise política tomou de vez o assento da crise econômica, diz o economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Armando Castelar.

“Até então, a crise econômica vinha dominando o processo. A preocupação com a questão fiscal, com a inflação e os impactos na crise política. Chegou-se a anunciar a reforma da Previdência. Agora, a política tomou o assento da economia, o que é mais paralisante ainda. Principalmente porque temos opções de amplo espectro: de muito intervencionista a Henrique Meirelles, mais conservador. Ninguém sabe exatamente o que vai acontecer. O momento é de não se comprometer”.

A presidente Dilma veio a público ontem comentar a indicação de Lula para o ministério e, em entrevista coletiva, afirmou que não haveria mudanças bruscas na política econômica. Dilma destacou que Lula, quando foi presidente, defendeu o ajuste fiscal.

Segundo Loyola, apesar dessa garantia da presidente Dilma, o que se vê é a tendência de o governo voltar a dar crédito via bancos públicos para tentar reativar a economia: “Essa é uma política perdedora e aloprada. O governo acabou e luta para não ser enterrado. É um governo zumbi”.

### **Prevedo rumos**

No mercado financeiro, analistas afirmam que a tomada de posição ficou mais difícil do que nunca. Mas a contundência das gravações faz especialistas apostarem em reação positiva dos investidores em um primeiro momento, antecipando mudança de governo após a divulgação das conversas.

“Uma parte do mercado pode interpretar que estamos vivendo os estertores de um governo, o que é positivo do ponto de vista dos investidores”, afirmou Maurício Pedrosa, estrategista da Queluz Asset Management. “Mas o mercado odeia incerteza, e sempre põe isso nos preços. E não existe quadro maior de incerteza que este, estamos sendo surpreendidos a cada meia hora”.

Embora admita ser difícil traçar o *day-after*, Arnaldo Curvello, diretor de Gestão de Recursos da Ativa Investimentos, também aposta em reação positiva por parte dos investidores.

“O mercado vai embutir nos preços um cenário sem Dilma, o que significa Bolsa em alta”, que observa que o ritmo de virada de expectativas é inédito. “Com as notícias da semana passada, o mercado antecipou saída rápida do governo, e os preços subiram. Com a história de que Lula viraria ministro, o mercado desfez posições. Agora, esse tipo de notícia de hoje (ontem) é muito difícil de precificar. É muito “nunca antes na história desse país”.

### **Paralelo com afastamento de Collor**

Margarida Gurierrez, professora da Coppead/UFRJ, considera que a entrada de Lula no governo aumenta as incertezas. Para ela, a política econômica está descaracterizada e, com a volta do petista, essa condição se intensifica. Na avaliação da economista, até o governo de Fernando Collor de Mello tinha uma visão mais clara — embora equivocada — dos rumos para a política econômica.

“A política de Collor tinha uma consistência, embora tenha sido errado o confisco. Hoje, qual é a política econômica? Ninguém sabe”

Para o professor da PUC Luiz Roberto Cunha, o governo Dilma tentou blindar a economia ao nomear Joaquim Levy, um fiscalista. Mesma atitude que Collor tomou ao entrar no processo de impeachment. Nomeou Marcílio Marques Moreira para o Ministério da Economia e Francisco Gros para o Banco Central.

“Naquela época, conseguiu-se até acumular reservas. A Dilma tentou fazer isso com Levy, mas não deu certo. Mesmo que Lula tente a alternativa Meirelles, não funciona

mais. A deterioração da economia é muito grave, muito maior". Segundo Cunha, se a opção for estimular a economia, a dívida pública vai explodir.

"Vai ter fuga de capitais, inflação alta, e o país pode ser obrigado a impor controles de capital", disse.

Para Margarida, a renúncia de Dilma abreviaria o processo de paralisia pelo qual passa o governo:

"Estaria encurtando esse período de muitas incertezas na política e, conseqüentemente, na economia. O vice, Michel Temer, provavelmente poria em prática o programa do PMDB que é estruturante, mais na linha ortodoxa, privilegiando o ajuste fiscal e as reformas. Não seria fácil, mas estaria abreviando os efeitos".

### **Lula pode ajudar?**

Fernando Marcato, sócio da GO Associados, discorda. Para ele, a nomeação de Lula pode interromper o marasmo no governo de forma menos traumática que um impeachment.

O economista, que também é advogado, avalia que o vazamento da conversa de Lula com Dilma não traz problemas jurídicos e que, mesmo em meio à tensão política, é possível que Lula consiga aprovar reformas no Congresso para destravar a economia.

"Imagina o empresário que está sofrendo com o país afundando? Uma alternativa é passar por um longo processo de impeachment, a outra é trazer de volta um presidente que, no passado, criou pontes com a militância e o empresariado. Na cabeça do empresário, será que não vale a pena aguardar um pouco para ver se o Lula vai fazer isso?", questiona Marcato.

Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central, avalia que o cenário para a economia já está dado, diante da perspectiva de mais um ano de recessão. Lula pode ajudar na área fiscal, mas ainda é cedo para avaliar.

"Acho que se ele só entrar para apagar fogo, para sobreviver, não vai adiantar. Ele tem que fazer a política pensando na frente", afirmou.

Luis Otavio Leal, economista-chefe do Banco ABC Brasil, resume as incertezas em relação ao que esperar de Lula.

"Qual vai ser o Lula assumindo? Antes ou depois da Carta ao Povo Brasileiro? Fazer ilações sobre o comportamento dele é difícil. Ele tem um discurso ruim para o mercado e um histórico que é bom".

## **Empresários não veem na volta de Lula uma guinada à esquerda**

17/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Empresários não apostam em uma guinada da política econômica para a esquerda com a volta do ex-presidente Lula a Brasília, agora como homem forte do governo, como deseja o PT.

Para eles, ao assumir a Casa Civil, Lula tentará, em um primeiro momento, reaproximar o governo e o partido com um discurso de retomada de crescimento.

Mas o rombo fiscal e a pressão do dólar só deixam espaço para "medidas cosméticas" na economia, dificultando manobras que já foram usadas por Dilma no passado, como baixar juros à força e obrigar os bancos públicos a ampliar significativamente o crédito para estimular o consumo.

Avançar por esse caminho pode jogar o país na rota da Venezuela com câmbio nas alturas e inflação descontrolada. Por seu histórico, Lula é considerado pelo setor privado um político “pragmático” e mais sensível a esse risco do que Dilma.

Nas últimas semanas, o PT e os movimentos sociais ligados ao partido pressionam o governo Dilma a abandonar a reforma da Previdência, vista como um ataque aos direitos do trabalhador, e a adotar medidas de estímulo à economia mesmo sem dinheiro.

A primeira tarefa do ministro Lula será política: refazer as pontes com o PMDB e derrotar o impeachment no Congresso.

Os empresários acreditam que suas chances são pequenas. Lula e sua família estão sendo investigados pela operação Lava Jato e novas denúncias podem surgir. Sua nomeação, que garante foro privilegiado, pode gerar forte reação contrária da opinião pública.

Os investidores já reagiram negativamente. Na terça-feira (15), ainda na expectativa da nomeação de Lula como ministro, o que só aconteceu nesta quarta (16), a Bolsa caiu 3,56% e o dólar subiu 3%, fechando em R\$ 3,75. Às 11h45 desta quarta, o dólar já tinha chegado a R\$ 3,83.

Para o empresariado, se Lula e o governo sobreviver a tudo isso, aí sim tentará uma aproximação com o setor privado para retomar investimentos. Ainda assim, eles têm dúvidas se poderão confiar no governo.

### **Empresa paranaense busca driblar a crise com vendas para o Mercosul**

17/03/2016 - Fonte: Bem Paraná

Desde o segundo semestre de 2014, quando a economia brasileira mostrou falta de fôlego e o Real começou a se desvalorizar, a Fibracem, empresa que atua no segmento de comunicação óptica há mais de 20 anos, tratou de mudar o perfil das vendas e passou a bater às portas dos países vizinhos buscando alavancar as exportações.

De acordo com a gerente de marketing da Fibracem, Carina Bitencourt, o cenário econômico atual se torna uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que exige cortes e mudanças de estratégia, com o Real mais fraco aumenta-se a possibilidade de vendas para outros países.

“Vender para os países do Mercosul sempre foi um objetivo, mas era difícil concorrer com os preços de outros países mais baratos que o Brasil, no entanto estamos recebendo mais contatos de países como Bolívia, Chile, Colômbia e Paraguai”.

Menos importação — Comprar de fornecedores locais se tornou uma vantagem durante a fase de turbulência financeira, onde o mercado passava por ajustes de novos valores do real frente ao Dólar. Segundo Carina, a empresa, que antes importava insumos passou a orçar e avaliar a aquisição de matéria prima de origem brasileira.

“Com a desvalorização da nossa moeda, percebemos a necessidade de melhorar a gestão do fluxo de caixa da empresa, fator importante quando se faz importações, pois fatores como a forma de pagamento, impostos e despesas com despachantes e fretes, exigem que as compras sejam de grandes volumes”, esclarece Carina.



## **Índice de Confiança do Empresário Industrial sobe e atinge 37,4 pontos**

17/03/2016 - Fonte: Bem Paraná

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) cresceu 0,3 ponto em março na comparação com fevereiro e atingiu 37,4 pontos. Os dados foram divulgados nesta quarta (16) pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) e indicam que, no primeiro trimestre, houve um crescimento no índice de 1,4 ponto.

As informações são da Agência Brasil. O Icei varia de 0 a 100. Valores abaixo de 50 pontos indicam falta de confiança do empresário. Quanto mais abaixo de 50 pontos, maior e mais disseminado é o pessimismo. Mesmo com o crescimento do Icei, a CNI destaca que o pessimismo dos empresários continua elevado.

Desde outubro de 2015, quando mostrou os primeiros sinais de melhora, o Icei cresceu 2,4 pontos, mas com esse crescimento moderado, o indicador está 12,6 pontos abaixo da linha dos 50 pontos.

Para a CNI, mantido esse ritmo, o Icei levaria mais de dois anos para superar os 50 pontos. O índice de confiança das grandes empresas ficou estável em 38,4 pontos. O indicador das médias empresas subiu de 35,8 pontos em fevereiro para 36,5 pontos em março e o das pequenas empresas passou de 35,5 pontos para 36,1 no período.

Entre os segmentos industriais, a indústria extrativa continua com o menor pessimismo: 41,8 pontos. Já o Icei da indústria de transformação foi de 37,7 pontos. A indústria da construção continua com o pessimismo mais elevado (35,6 pontos). Os dados foram levantados em 2.984 empresas entre 1º e 10 de março. Dessas, 1.206 são pequenas, 1.104 médias e 674, de grande porte.

## **Mercedes-Benz chega a mil superarticulados vendidos no País**

17/03/2016 - Fonte: Bem Paraná



A Mercedes-Benz comemora a venda do ônibus superarticulado de número mil no Brasil. Lançado em outubro de 2012, o chassi é o único articulado do mercado com 23 metros de comprimento e disponível nas versões de piso baixo O 500 UDA Low Entry e piso alto O 500 MDA.

Equipado com quatro eixos, tem capacidade para transportar até 200 passageiros, dependendo da configuração interna. O milésimo superarticulado irá circular em São Paulo.

“Nosso superarticulado atende plenamente às características de todos os sistemas de transporte coletivo urbano do País, seja por corredores, faixas exclusivas ou BRT (Bus Rapid Transit)”, afirma Walter Barbosa, diretor de vendas e marketing de ônibus da Mercedes-Benz do Brasil.

“O sucesso do veículo é crescente especialmente em grandes regiões metropolitanas, como São Paulo e Rio de Janeiro. Nenhuma outra marca alcançou um volume de venda tão expressivo para um ônibus de grande capacidade”.

De acordo com o executivo, São Paulo possui mais de 80% do volume total do modelo vendido pela montadora ao mercado brasileiro.

“Aliás, estes ônibus atendem, desde já, às diretrizes da reorganização do sistema de transporte coletivo urbano da capital paulista, onde haverá uma maior demanda por ônibus de grande porte, como o nosso superarticulado”, completa.

O Rio de Janeiro também é outro importante destino ônibus superarticulados da Mercedes-Benz: “Em 2016 serão 100 unidades do veículo para atender principalmente o grande volume de pessoas e importantes eventos que acontecerão na cidade”, ressalta Barbosa.

Além do superarticulado de 23 metros, a Mercedes-Benz também oferece ao mercado os articulados O 500 UA Low Entry (piso baixo) e O 500 MA (piso alto).

### **Mercado vê maior rombo primário em 2016 e 2017 no Brasil, mostra Prisma Fiscal**

17/03/2016 - Fonte: R7

A previsão para o déficit primário do governo central (governo federal, Previdência Social e Banco Central) em 2017 cresceu de forma intensa segundo especialistas consultados pelo Ministério da Fazenda, que ainda pioraram suas contas para o rombo deste ano e passaram a ver diminuição na arrecadação federal.

O relatório Prisma Fiscal divulgado nesta quinta-feira mostrou que as projeções apontam agora para déficit primário em 2017 de 71,329 bilhões de reais, sob o mês de referência de fevereiro, quase 70 por cento a mais do que os 42,085 bilhões de reais projetados na pesquisa do mês anterior.

Para 2016, a estimativa agora é de rombo fiscal de 79,473 bilhões de reais, ante 70,752 bilhões de reais.

A meta oficial é de superávit primário --economia feita para pagamento de juros da dívida pública-- de 24 bilhões de reais para o governo central neste ano e de 6,554 bilhões de reais para Estados e municípios, chegando a superávit primário consolidado de 30,6 bilhões de reais.

No entanto, o governo anunciou em fevereiro propostas que abrem espaço para novo déficit primário em 2016 no caso de frustração de receitas.

A deterioração da arrecadação federal vai afetar os desempenhos nos dois anos. Para 2016, os economistas consultados pelo Ministério da Fazenda veem agora a arrecadação somando 1,286 trilhão de reais, frente a 1,294 trilhão de reais no mês passado. A projeção para 2017 passou a 1,388 trilhão de reais, após 1,390 trilhão de reais em pesquisa anterior.

Em relação à dívida bruta, a expectativa para este ano foi a 74,15 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), após 73,99 por cento do PIB na estimativa anterior. Para o próximo ano, a previsão passou a 78,75 por cento, ante 78,50 por cento.

O Prisma Fiscal faz coleta mensal de expectativas de mercado para variáveis fiscais.



## Venda parcelada de novos cai 33,6% no bimestre

17/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A venda parcelada de veículos novos no primeiro bimestre de 2016 somou 173,5 mil unidades, resultando em queda de 33,6%. O número considera veículos leves, caminhões e ônibus vendidos por Crédito Direto ao Consumidor (CDC), consórcio e leasing.

Os dados foram divulgados pela Cetip, empresa que opera o Sistema Nacional de Gravames (SNG), que reúne o cadastro das restrições financeiras de veículos dados como garantia em operações de crédito no País.

Olhando isoladamente os veículos leves, a queda bimestral vai a 34,7%. Para os pesados essa retração é de 5,3%. A redução de negócios neste ano já não poupa mais os veículos usados, que tiveram desempenho positivo no ano passado. Neste primeiro bimestre foram parcelados 423,6 mil veículos leves e pesados de segunda mão, registrando queda de 12% ante igual período do ano passado.

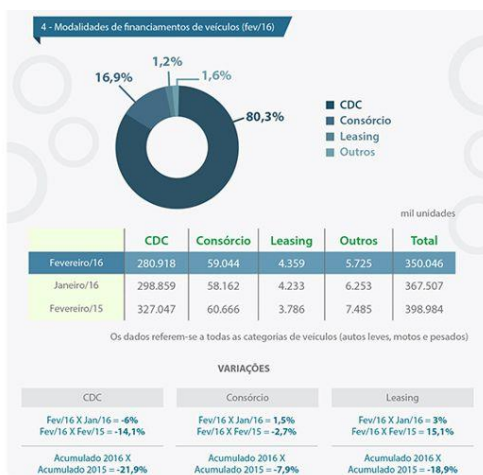
### RUIM TAMBÉM PARA DUAS RODAS

Nestes dois primeiros meses foram parceladas 103,4 mil motos novas, volume 23% menor que o anotado em igual período de 2015. A retração é menos acentuada que a de veículos leves e pesados, mas bastante severa quando se leva em conta que o setor entra no quinto ano consecutivo de baixa nas vendas e já recuou cerca de dez anos em produção e emplacamentos. No mercado de motocicletas usadas foram vendidas a prazo 15,3 mil unidades, 11,7% a menos que no mesmo período de 2015.

### QUEDA MENOR EM CONSÓRCIOS

Na soma de negócios realizados com todos os tipos de veículo (leves, pesados e motos), o consórcio foi o que apresentou a menor queda no primeiro bimestre, 7,9%. Os financiamentos por CDC recuaram 21,9% e o leasing caiu outros 18,9%.

### Veja o desempenho de cada forma de venda:



## **Ministério da Justiça abre processo contra VW**

17/03/2016 - Fonte: Automotive Business



O Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor (DPDC), órgão do Ministério da Justiça, abriu processo administrativo contra a Volkswagen do Brasil por indícios de infração ao Código de Defesa do Consumidor (CDC).

O caso está ligado às picapes Amarok e seu motor diesel, o 2.0 EA 189, um dos propulsores implicados no escândalo dieselgate, descoberto no fim do segundo semestre de 2015 nos Estados Unidos.

A informação foi publicada na terça-feira, 15, no Diário Oficial da União. Se for condenada, a VW terá de pagar multa superior a R\$ 8,5 milhões. A Volkswagen tem dez dias para apresentar sua defesa a partir da data de recebimento da notificação.

A irregularidade estaria em um software instalado em picapes Amarok ano-modelo 2011 e 2012. O dispositivo reduz momentaneamente as emissões de poluentes sempre que "percebe" que algum equipamento é conectado ao motor para verificações desse tipo.

Em novembro de 2015 o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) multou a VW do Brasil em R\$ 50 milhões por manipulação de emissões. Também em novembro a fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon-SP) autuou a montadora em R\$ 8,3 milhões pela venda das picapes dotadas do software fraudulento

## **Mercado prevê déficit primário de R\$ 79,473 bi em 2016, mostra Prisma Fiscal**

17/03/2016 - Fonte: Paraná Online

Em meio à crise política e com a piora dos indicadores econômicos, o mercado financeiro projeta um resultado primário cada vez mais pessimista para o Governo Central em 2016.

Dessa vez, a expectativa para o ano é de que ele seja deficitário em R\$ 79,473 bilhões, de acordo com pesquisa feita pelo Ministério da Fazenda com bancos, corretoras e consultorias. No mês passado, a previsão do Prisma Fiscal era um pouco mais otimista e previa um déficit de R\$ 70,751 bilhões.

Na primeira edição do relatório, divulgado em dezembro, a expectativa para 2016 era de um déficit de R\$ 53,078 bilhões.

O resultado anual terá a colaboração dos dados de março, quando o déficit deve ficar em R\$ 2,419 bilhões, segundo o documento. A projeção anterior apontava para um déficit de R\$ 1,632 bilhão neste mês.

A previsão é que a dívida bruta encerre 2016 em 74,15% do PIB, acima do que esperavam os analistas no mês passado, quando a previsão era de 73,99% do PIB.

Com a queda na atividade econômica, o mercado projeta ainda uma queda na arrecadação de tributos federais. A previsão anual foi alterada de R\$ 1,294 trilhão para R\$ 1,285 trilhão em 2016.

A receita líquida do governo central, por sua vez, deve fechar 2016 em R\$ 1,102 trilhão e a despesa, em R\$ 1,184 trilhão - as projeções anteriores indicavam R\$ 1,112 trilhão e R\$ 1,181 trilhão, respectivamente. Enquanto as projeções de receita caíram, as de despesa subiram.

Já para este mês, o mercado espera uma queda na arrecadação. A arrecadação de tributos federais deve somar R\$ 96,649 bilhões em março ante R\$ 98,325 bilhões da previsão passada. A receita líquida deve fechar o mês em R\$ 85,032 bilhões, e a despesa líquida, R\$ 86,787 bilhões.

O relatório fez projeções para os próximos dois meses. Em abril, o resultado primário deve ser superavitário em R\$ 5,050 bilhões - a projeção anterior era de R\$ 6,812 bilhões.

A arrecadação deve somar R\$ 113,264 bilhões, a receita líquida, R\$ 101,796 bilhões, e a despesa líquida, R\$ 94,400 bilhões.

O resultado primário de maio deve ser deficitário em R\$ 10,482 bilhões. A arrecadação deve chegar a R\$ 98,108 bilhões, a receita líquida, R\$ 80,171 bilhões, e a despesa líquida, R\$ 91,399 bilhões.

## **Relatório**

É o quarto mês que o Prisma Fiscal é divulgado. O relatório foi feito a partir de pesquisa do Ministério da Fazenda com instituições financeiras em janeiro.

## **Produção de aço bruto em fevereiro cai 8,7% ante fevereiro de 2015, divulga IABr**

17/03/2016 - Fonte: Paraná Online

A produção brasileira de aço bruto em fevereiro caiu 8,7% na relação anual para 2,434 milhões de toneladas, segundo dados divulgados nesta quinta-feira, 17, pelo Instituto Aço Brasil (IABr). No bimestre a produção de aço bruto ficou em 4,885 milhões de toneladas, queda de 13,7% ante o mesmo período do ano passado.

Já a produção de laminados caiu 14,8% mês passado para 1,7 milhão de toneladas. A de planos caiu 13,9% para 973,5 mil toneladas. A de longos, por sua vez, recuou 16% em fevereiro ante o mesmo mês de 2015 para 726,5 mil toneladas.

As vendas totais no mercado interno, que não considera as dentro do parque da usina, caíram 18,5% em fevereiro, para 1,275 milhão de toneladas. No bimestre as vendas somaram 2,507 milhões de toneladas, recuo de 22,7%.

As vendas externas faturadas pelas usinas em fevereiro somaram 892 mil toneladas, alta de 9,8% na comparação anual. Em valores as exportações chegaram em US\$ 309,4 milhões, recuo de 33,3%.

No bimestre, as vendas externas em volumes alcançaram 1,724 milhão de toneladas, alta de 8,8%. Em valores, por outro lado, as vendas externas no bimestre chegaram em US\$ 560,7 milhões de toneladas, recuo de 39,2%.

## **Importações**

As importações de aço em fevereiro caíram 72%, para 88,2 mil toneladas na relação anual. No bimestre as importações somaram 193,2 mil toneladas, recuo de 72,2% na relação anual.

Em valores as importações chegaram a US\$ 105,7 milhões, queda de 67,4% em fevereiro ante fevereiro de 2015. No bimestre as importações em valores somaram US\$ 228,5 milhões, queda de 67,7%.

O consumo aparente nacional, em fevereiro de 2016, foi de 1,4 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, 27,2% menor que o mesmo período do ano anterior. No acumulado nos dois primeiros meses, o consumo aparente alcançou 2,7 milhões de toneladas, 31,2% menor quando comparado aos mesmos meses de 2015.

## **Brasil tem maior carga tributária da América Latina**

17/03/2016 - Fonte: Paraná Online

O Brasil é o País com a maior carga tributária em toda América Latina e Caribe. Estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) revela que brasileiros pagam o equivalente a 33,4% do tamanho da economia em taxas e impostos.

Proporcionalmente, o montante é mais de 50% superior à média da região. Apesar de liderar a incidência de impostos, a cobrança é desigual. Enquanto o Brasil está no grupo dos que têm menos impostos sobre a renda e lucro, é um dos que mais cobram sobre a seguridade social.

Um novo estudo sobre estatísticas tributárias confirma a percepção dos brasileiros de que a carga tributária é elevada. Em 2014, brasileiros desembolsaram o equivalente a um terço do PIB (Produto Interno Bruto) para pagar impostos, taxas e contribuições. Essa é a maior carga entre 22 países listados e o dado brasileiro é mais de dez pontos percentuais superior à média de 21,7% registrada na América Latina e Caribe. O indicador brasileiro tem girado entre 32% e 33% do PIB desde 2005.

"Argentina (com 32,2% do PIB), Barbados (30,4%) e Brasil (33,4%) estão consideravelmente acima da média regional", destaca o estudo divulgado pela OCDE. — Países com níveis mais elevados de PIB per capita são mais propensos a apresentar os coeficientes mais elevados de impostos em relação ao PIB.

Na região, a menor carga é a da Guatemala, que arrecada 12,6% do PIB dos contribuintes. O estudo revela que, efetivamente, o Brasil já tem uma carga tributária comparável a dos países ricos da OCDE — grupo das 34 economias mais desenvolvidas do mundo —, onde a média de impostos equivale a 34,4% do PIB.

O Brasil está um ponto percentual abaixo da média. Nesse grupo, o México tem a menor carga, com o equivalente a 19,5% do PIB. Na outra ponta, a Dinamarca arrecada o equivalente a 50,9% do tamanho da economia em impostos.

### **Desigualdade**

Apesar de proporcionalmente o Brasil arrecadar o maior montante em impostos na região, a carga tributária brasileira é desigual entre as diferentes atividades da economia. Entre os grandes, o Brasil é o segundo país que menos obtém arrecadação com a renda e o lucro.

Em 2014, 20,7% da arrecadação brasileira veio por essa fonte, à frente apenas da Argentina (18,9%). Na média da região, a renda e lucro geram 27,8% dos impostos e a proporção chega a 33,8% na OCDE.

Enquanto obtém proporcionalmente menos com a renda e lucro, o Brasil é o grande que mais arrecada com contribuições sobre a seguridade social. Por essa fonte, o governo brasileiro consegue 26,2% da arrecadação, bem acima da média de 16,9% da região ou os 11% do Peru.

OCDE explica que países como o Brasil, Paraguai e Uruguai têm elevada arrecadação com taxas sobre a seguridade social por terem grandes sistemas públicos de Previdência Social.

— Em países como a Colômbia e Peru, onde os programas públicos e privados competem, as contribuições representam níveis entre 11% e 13% [menos da metade do Brasil].

Ainda segundo o estudo, a arrecadação sobre a venda de mercadorias e serviços foi responsável por 41,7% dos impostos obtidos pelo Brasil. A participação é menor que a média da América Latina e Caribe que ficou em 48,5.

## **76% dos micro e pequenos empresários não pretendem investir**

17/03/2016 - Fonte: G1

Dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) mostram que 76% dos micro e pequenos empresários não pretendem realizar investimentos para expandir ou melhorar as empresas pelos próximos três meses.

O indicador registrou em fevereiro apenas 21,52 pontos, ficando abaixo dos 24,68 pontos do mês anterior. Em relação a janeiro, a queda no indicador corresponde a 12,8%.

O resultado é considerado baixo, já que a escala do indicador varia de zero a 100. Quanto mais próximo de 100, maior é a probabilidade de os empresários investirem e, quanto mais próximo de zero, menos propensos eles estão.

Para o presidente da CNDL, Honório Pinheiro, a recessão da economia com a queda do PIB em 3,8% em 2015 e a taxa Selic chegando a 14,25% são os principais fatores que explicam a baixa propensão ao investimento. "Diante desse cenário, e sem a perspectiva de breve retomada econômica, falta confiança aos micro e pequenos empresários para que assumam novos investimentos em seus negócios", explica Pinheiro.

Apenas 16,4% admitem fazer algum investimento nesse período - a menor proporção dos que pretendem investir desde o início da série histórica.

Entre os poucos empresários que pretendem investir, os investimentos prioritários serão na reforma da empresa, mencionado por 34,4%, na ampliação de estoque (29,8%) e em mídia e propaganda (29,0%). Entre eles, a maioria (76,3%) pretende usar capital próprio para investir e 21,4% pretendem recorrer a empréstimos em bancos ou financeiras.

### **Crédito**

A pesquisa mostra que falta confiança aos micro e pequenos empresários para que assumam compromissos financeiros.

O indicador registrou baixo patamar em fevereiro, registrando 11,98 pontos, menos que os 12,15 pontos de janeiro.

Os empresários que manifestam a intenção de tomar crédito nos próximos três meses somam apenas 6,6%, a menor proporção desde o início da série histórica, em maio de 2015. Já os que afastam essa possibilidade totalizam 87%.

Segundo a economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, a crise econômica explica em parte o receio dos empresários.

“Um terço daqueles que não pretendem contratar crédito alega que não pensam em realizar investimentos que exijam recursos de terceiros. A maior parte, porém, rejeita tomar recursos emprestados porque consegue manter o negócio com recursos próprios.”

Entre os poucos que pretendem contratar crédito, a modalidade mais citada é o microcrédito, mencionada por 35,8%, e as principais finalidades do crédito a ser contratado são o capital de giro (35,8%), a reforma da empresa (20,8%) e compra de equipamentos (17%).

A maioria (40,1%) considera difícil conseguir empréstimos e financiamentos. Entre esses, a burocracia é a principal causa da dificuldade, mencionada por 44,2%. A questão dos juros altos aparece é apontada por 33,6% como empecilho na hora de contratar crédito.

“Os juros, em particular, tornam os investimentos financeiros relativamente mais vantajosos do que os investimentos produtivos, de modo que, para o empresário, pode ser mais rentável fazer uma aplicação financeira do que investir na expansão do negócio ou criação de um novo bem e serviço”, diz Kawauti.

### **Perspectiva de novas contratações no Brasil volta a cair, diz pesquisa**

17/03/2016 - Fonte: G1



A expectativa de contratação de profissionais para o próximo trimestre no Brasil não é boa, mostrou a pesquisa "Expectativa de Emprego no Brasil" do ManpowerGroup, consultoria de soluções de gestão e contratação de pessoas.

A pesquisa mostra que as intenções de contratação para o segundo trimestre do ano caíram 2 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior, saindo de -8% para -10%. Em comparação com o mesmo período de 2015, o recuo foi de 8 pontos percentuais. O estudo continua a apontar estabilidade no volume de empregadores que não pretendem mexer na folha de pessoal entre abril e junho (68%) e um leve recuo nas intenções de reduzir o quadro de colaboradores, de 19% para 16%.

"Os dados da pesquisa traduzem a cautela do empresariado, que continua receoso em tomar decisões frente à incerteza econômica nacional", avalia Nilson Pereira, CEO do ManpowerGroup Brasil.

#### **Por setor**

Na comparação trimestral, as intenções de contratação aparecem mais fracas em cinco setores e em três regiões do Brasil; e na anual, em seis setores e em todas as cinco regiões do país.

As mais fracas intenções para contratação continuam no setor da construção, que tem índice de -24%. Esse resultado significa um aumento de 5 pontos percentuais na variação trimestral e queda de 4 pontos em relação ao mesmo período do ano passado.

Empregadores brasileiros de três setores reportaram, para o segundo trimestre do ano, os mais fracos índices desde que a pesquisa começou a ser realizada: a área de agricultura, mineração e pesca, que atingiu patamar de -17%, o que significa retração de 7 e 21 pontos percentuais na variação trimestral e anual, respectivamente; a área



de transportes, que tem índice de -16% e queda de 11 pontos percentuais em relação a 2015; e o setor de varejo, com -15% de intenção de admissão, trazendo queda de 13 e 20 pontos percentuais na variação trimestral e anual, respectivamente.

Porém, o setor da administração pública e da educação se mostra o mais otimista para o período, com intenção de admissão positiva, em 4%. Em comparação com o primeiro trimestre do ano, o índice permanece estável, mas em relação ao segundo trimestre de 2015 registrou alta de 5 pontos percentuais.

### **Por região**

O mais forte plano para contratações no Brasil está no estado de Minas Gerais, onde as intenções para admissões registram alta de 4 pontos percentuais quando comparadas com o primeiro trimestre de 2016. Porém, o estudo ainda revela perspectivas negativas para o estado, de -4%, o que denota certa estabilidade na variação anual.

Já o estado do Rio de Janeiro é a região onde os empregadores se mostram mais pessimistas para o próximo período. As perspectivas para contratações no estado estão em -16%, em queda de 4 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior e de 18 em relação ao mesmo período do ano passado.

Em São Paulo e no Paraná, as perspectivas também são negativas. No primeiro, as perspectivas são de -13%, o que significa recuo de 3 pontos na variação trimestral e de 8 na anual; e no segundo, de -11%, caindo 7 e 9 pontos respectivamente.

### **No mundo**

Os empregadores de 39 dos 42 países e territórios avaliados pelo estudo pretendem aumentar o seu volume de contratações durante o período de abril a junho do ano que vem.

Os planos se mostram especialmente mais otimistas em oito dos 42 países, comparativamente com o trimestre anterior, e mais pessimistas em 22 nações. Na variação anual, o estudo revela intenções mais positivas em 12 regiões e mais negativas em 23.

Índia, Taiwan, Japão, Guatemala e Colômbia são os locais com os mais fortes planos de contratação em todo o mundo no período. Em contrapartida, Brasil, Itália e França concentram os principais recuos sinalizados na pesquisa.

## **Procura das empresas por crédito recua 12% em fevereiro**

17/03/2016 - Fonte: G1

As empresas puxaram o freio neste início de ano e procuraram menos crédito em fevereiro, segundo a Serasa Experian de Demanda. A queda em relação ao mesmo mês do ano passado foi de 12,2%. Na comparação com janeiro, no entanto, a demanda subiu 4,7%.

Nos dois primeiros meses do ano, a Serasa informa que a procura por crédito caiu 11,7% em relação ao primeiro bimestre do ano passado.

"O aprofundamento da recessão econômica, o elevado grau de incerteza e as taxas de juros dos empréstimos cada vez mais elevadas, tem impactado negativamente a procura das empresas por crédito", disseram os economistas da Serasa Experian, por meio de nota.

## Indústria convoca lideranças para discutir momento político

17/03/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo



A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) convocou lideranças empresariais do Estado para discutir o momento político na tarde desta quinta-feira (17).

No final da tarde, sua assessoria ligou para os jornais para dizer que, na opinião do empresário Paulo Skaf, "Dilma deveria renunciar já, pelo bem do Brasil".

Skaf é filiado ao PMDB e concorreu ao governo do Estado em 2014. Ele é ligado ao vice-presidente Michel Temer, que assume a Presidência caso Dilma seja afastada por impeachment.

Desde que passou a se envolver mais diretamente na política, Skaf passou a ser visto com reserva por parte do empresariado, embora tenha apoio de vários sindicatos e associações empresariais.

Na noite desta quarta (16) a Fiesp fez um protesto contra a indicação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o governo. Na fachada da entidade, na av. Paulista, projetou-se uma imagem verde-amarela cortada por uma faixa preta, onde depois escreveu-se Renúncia Já.

### **SEM GUINADAS**

Ouvidos pela **Folha** na terça e na quarta-feira, antes da divulgação da gravação em que Lula e Dilma falam sobre a posse do ex-presidente, empresários diziam não esperar guinada da política econômica para a esquerda com a volta do ex-presidente Lula como homem forte do governo.

Falando sobre a condição de anonimato, presidentes e altos executivos de diversos setores criticaram a nomeação do ex-presidente.

Para eles, na Casa Civil, Lula tentaria em um primeiro momento reaproximar o governo e o partido com um discurso de retomada de crescimento.

Mas o rombo fiscal e a pressão do dólar só deixam espaço para "medidas cosméticas" na economia, dificultando manobras que já foram usadas por Dilma no passado, como baixar juros à força e obrigar os bancos públicos a ampliar significativamente o crédito para estimular o consumo.

Avançar por esse caminho pode jogar o país na rota da Venezuela com câmbio nas alturas e inflação descontrolada. Por seu histórico, Lula é considerado por esses membros do setor privado um político "pragmático" e mais sensível a esse risco.

Nas últimas semanas, o PT e os movimentos sociais ligados ao partido pressionavam o governo Dilma a abandonar a reforma da Previdência, vista como um ataque aos direitos do trabalhador, e a adotar medidas de estímulo à economia mesmo sem dinheiro.

Para os empresários ouvidos, eram pequenas as chances de Lula de refazer as pontes com o PMDB e derrotar o impeachment no Congresso.

De acordo com essa avaliação, Lula e sua família estão sendo investigados pela operação Lava Jato e novas denúncias podem surgir.

Também esperavam que a nomeação, que garante foro privilegiado, pudesse gerar forte reação contrária da opinião pública.

Para esses representantes do empresariado, se Lula e o governo sobreviverem aos protestos e às investigações da Lava Jato, aí sim poderia tentar uma aproximação com o setor privado para retomar investimentos.

Ainda assim, eles tinham dúvidas sobre se poderiam confiar no governo.

Nesta quarta, com a confirmação de que o ex-presidente assumiria a Casa Civil, o dólar chegou a subir e a Bolsa a cair, mas o mercado mudou de orientação seguindo a tendência internacional, que beneficiou os países emergentes depois que os Estados Unidos decidiram não elevar sua taxa de juros.

Os investidores aguardam sinalizações sobre como ficará a condução da economia.

### **Maioria dos executivos brasileiros vê poucas chances de aumento em 2016**

17/03/2016 - Fonte: G1



Pesquisa da Thomas Case & Associados, consultoria de transição de carreiras, mostrou que 76% dos executivos brasileiros acreditam que não será possível pedir um aumento de salário em 2016.

Com menos vagas disponíveis, 73% dos profissionais não pensam em trocar de emprego neste ano e 72% também disseram que não há perspectivas de promoção neste ano. Em 2015, 1,54 milhão de vagas formais foram fechadas, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Em 2014, foram criados cerca de 420 mil empregos com carteira assinada.

Por outro lado, 27% dos participantes pensam em trocar de emprego nos próximos 10 meses. "Entendemos que existe uma relação direta entre os que pensam em trocar de emprego e os que não se sentem seguros no exercício da sua função na empresa, uma vez que 25% dos respondentes assim sinalizaram", avalia Norberto Chadad, CEO da Thomas Case & Associados e especialista em transição de carreiras.

A primeira pergunta respondida pelos participantes da pesquisa buscava entender se houve troca de emprego por eles no ano de 2015. Apenas 8% sinalizaram positivamente, sendo que igualmente, 17% aceitaram cargo e salário mais baixos que o anterior e o desafio de mostrar seu talento para crescer na empresa; 17% aceitaram cargo similar ao anterior, porém com salário mais baixo; 17% também ficaram com cargo e salário similares ao anterior, porém com melhores possibilidades de crescimento; 7% conseguiram um cargo superior com salário similar ao anterior e, surpreendentemente, 42% conquistaram cargos e salários superiores aos anteriores.

Entre os que não trocaram de emprego em 2015, 70% permaneceram com o mesmo cargo e salário; 7% conquistaram um novo cargo, porém com o mesmo salário; 11% conquistaram um novo cargo com algum aumento salarial e 12% permaneceram no mesmo cargo, mas a empresa solicitou uma renegociação dos valores acordados.

Na pesquisa, realizada no início do mês de fevereiro, 34% ocupam cargos de gerência; 25% são coordenadores; 24% atuam como analistas; 14% são de diretoria e 3% ocupam cargos de presidência nas suas empresas. 36% dos entrevistados são da área de recursos humanos; 11% da área administrativa; 10% do financeiro; 8% da tecnologia da informação; 6% de vendas; 5% de engenharia; 3% da área de logística; 2% de marketing, jurídica e suprimentos; 1% de compras e 14% de outras áreas.

## **Vale ameaça cortar 50% da produção em Minas**

17/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Quatro meses após o rompimento da barragem da Samarco ter posto em xeque o processo de licenciamento ambiental da mineração, a Vale afirma que poderá reduzir à metade sua produção de minério de ferro em Minas Gerais caso não obtenha licenças para alguns projetos.

O mais urgente é justamente uma barragem que atenderia Brucutu, segunda maior mina de minério do País, atrás apenas de Carajás (PA).

A mineradora tem hoje 88 projetos em análise pelas autoridades ambientais. Sem as licenças, nos próximos três anos a companhia prevê reduzir o patamar de produção no Estado das atuais 200 milhões de toneladas para 100 milhões de toneladas anuais.

O corte na produção pode ter início nos próximos meses, caso não seja aprovado o pedido de licenciamento da Barragem Norte para depósito de rejeitos da Mina de Brucutu, em São Gonçalo do Rio Abaixo.

“Apenas a paralisação de Brucutu, a maior mina da Vale no Estado, corresponderia a uma perda equivalente a 1,3% do PIB de Minas Gerais”, destacou a companhia em nota encaminhada por sua assessoria de imprensa.

O alerta foi feito na terça-feira por representantes da mineradora, em audiência pública convocada pela Comissão de Minas e Energia da Assembleia Legislativa de Minas Gerais sobre a atuação da empresa.

Apesar do cenário negativo de preços do minério, a Vale afirma ter “firme interesse de manter os níveis de produção atuais e, com isto, tentar garantir os milhares de empregos diretos e indiretos, assim como as receitas públicas geradas por suas operações”.

A empresa diz que buscará alternativas para preservar sua participação de mercado e continuará trabalhando junto às autoridades para obter maior celeridade nos processos de licenciamento.

Os requerimentos de licenças à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) incluem pelo menos outras três barragens de rejeitos - Maravilhas II, Maravilhas III e Itabiruçu - e também a liberação de cavas para a disposição de rejeitos das minas de Cauê e de Alegria, a mesma que a Samarco tenta liberar como alternativa ao uso de barragens e para viabilizar a retomada da operação.

Sobre a licença de operação da Barragem Norte Brucutu, a Semad diz que o processo aguarda a anuência do Ibama. Depois disso terá a autorização provisória de operação.

A secretaria garante que os outros processos de licenciamento da Vale estão com a análise em dia e não deverão prejudicar suas operações. O subsecretário de gestão e regularização ambiental, Geraldo de Abreu, nega a adoção de maior rigor após o desastre ambiental da Samarco.

Abreu disse que vê legitimidade na demanda da Vale, uma vez que a companhia tem de cumprir compromissos, mas que não passará por cima de procedimentos. "Gostaria que tivéssemos uma capacidade de resposta com mais folga. O que não podemos é em nome de uma pressão desconsiderar procedimentos absolutamente necessários", disse.

A tragédia ambiental em Mariana revelou o paradoxo de Minas Gerais. Ao mesmo tempo em que precisa combater os riscos da mineração, o Estado tem uma economia fortemente atrelada à atividade: 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) vêm da indústria extrativa mineral, segundo o último dado divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a 2013. Só Mariana tem 80% de sua arrecadação advinda da atividade mineradora.

Para Abreu, a Vale quer apenas garantir as licenças, diante do cenário de baixa dos preços do minério de ferro. "Se você tem um carro que valia R\$ 150 e cai para R\$ 50 você venderia ou esperaria o preço se recuperar? O custo de produção hoje está muito próximo ao preço", disse o subsecretário.

## **Incertezas econômicas fazem número de fusões e aquisições cair em 2016**

17/03/2016 - Fonte: Folha de S.Paulo

O número de potenciais fusões entre companhias ou aquisições de uma empresa por outra caiu no começo de 2016, na comparação com os dois últimos anos.

As operações que estão para ocorrer e que foram notificadas ao Cade (órgão de defesa econômica) no primeiro bimestre somaram 48, 15% a menos do que as de 2015, que já eram menores em relação ao ano retrasado.

A recessão explica a queda, segundo Paulo Furquim de Azevedo, que foi conselheiro do Cade até 2009.

"Um dos maiores fenômenos da crise é o entrincheiramento: as empresas ficam resguardadas e fazem poucos movimentos bruscos", diz.

Com as incertezas sobre os rumos do país, "é difícil ter um comprador que queira se comprometer e se endividar para uma operação dessas".

Muitos desses negócios têm como propósito ganhar escala para abrir capital. "Com o desempenho da Bolsa em baixa, esses planos são adiados", diz Gesner de Oliveira, presidente do órgão até 2000.

A maioria das operações que acontecem são "oportunidades", ou seja, porque há ativos considerados bons à venda, afirma Oliveira.

Especialistas observam também uma mudança no perfil das transações, que passaram a ocorrer entre empresas de menor porte.

Só precisam ser notificadas ao Cade aquelas em que o maior grupo econômico tenha faturamento no país de ao menos R\$ 750 milhões, e o menor, de R\$ 75 milhões.

## **ACP posta nota de indignação com a nomeação de Lula como ministro**

17/03/2016 - Fonte: Paraná Online

Em nota, a Associação Comercial do Paraná (ACP) repudiou a nomeação do ex-presidente Lula para o cargo de ministro-chefe da Casa Civil, cuja posse acontece na manhã desta quinta-feira (17).

Confira na íntegra o texto da entidade:

"A Associação Comercial do Paraná (ACP) vem a público mostrar sua indignação com a nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o cargo de ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, fato que constitui gravíssima afronta à sociedade e ao Poder Judiciário.

Hoje o ex-presidente é alvo de pesadas acusações e investigações pela Lava Jato, por suspeita de recebimento de vantagens fornecidas por empresas envolvidas no Petrolão, maior escândalo de corrupção com dinheiro público da história do país.

Não é aceitável que a presidente Dilma Rousseff conceda abrigo no primeiro escalão ao ex-presidente.

É uma insolência não apenas à consciência democrática da nação, mas o derradeiro atestado do naufrágio de um governo que agride as normas do Direito perante o mundo civilizado, assumindo lugar de destaque dentre os países que a cada dia perdem sua credibilidade.

Juristas sérios e competentes apontam na desastrada opção a tentativa de obstruir os serviços da Justiça, o que caracteriza acintoso desrespeito ao ordenamento jurídico, além de desnudar em toda a sua aparência de autoritarismo, o objetivo de livrar o acusado das investigações no âmbito da Lava Jato."

## **Conservação de energia na indústria**

17/03/2016 - Fonte: CIMM

O Laboratório de Engenharia Térmica do IPT acaba de reincorporar uma ferramenta para uso em trabalhos de campo de avaliação energética de processos industriais. Trata-se de um calorímetro tipo Ellison U-Path, equipamento usado para determinar a quantidade de água líquida presente no vapor.

A presença da água causa diversos problemas na geração e no uso do vapor na indústria: em uma caldeira projetada para produzir vapor saturado seco, por exemplo, a presença de água é uma perda energética, pois parte do líquido alimentado ao equipamento não está sendo convertida em vapor.

A quantidade de água no vapor é geralmente expressa como 'título'. O título é a porcentagem de massa de vapor em uma mistura líquido-vapor e costuma ser representado pela letra 'x'.

O vapor com título de 100 % significa a ausência de água líquida no vapor, que é geralmente a situação desejada, explica Renato Vergnhanini, pesquisador do laboratório.

O calorímetro deve ser instalado no chão de fábrica em uma linha paralela à principal (by-pass) e preferencialmente com fluxo de vapor descendente. No interior do calorímetro, o vapor passa por um orifício de estrangulamento e é admitido em uma câmara na qual, com a queda de pressão, passa de saturado a superaquecido em um processo isoentálpico, ou seja, sem perda de energia para o ambiente, pois todo o sistema é bem isolado termicamente.



A quantidade de água é determinada por meio de ábacos ou expressões termodinâmicas, medindo-se a pressão do vapor no by-pass, sua temperatura na câmara de expansão e a pressão atmosférica local.

No início do mês de fevereiro, Vergnhanini esteve na unidade de Rondonópolis (MT) da Archer Daniels Midland Company (ADM), que atua no segmento agroindustrial, e realizou a medição do título do vapor na saída de uma caldeira de grande porte que opera com cavacos de madeira.

## **Empresários estudam paralisação e suspensão de impostos**

17/03/2016 - Fonte: O Povo



A nomeação do ex-presidente Lula como ministro da Casa Civil foi considerada a gota d'água para o setor industrial. Federações das Indústrias de vários estados já articulam reações em cadeia para pressionar o Governo. Ontem, o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), Beto Studart, afirmou que dentre as medidas possíveis estão, inclusive, uma paralisação nacional ou a suspensão de pagamentos de impostos federais por tempo determinado.

No Ceará, a reunião com os presidentes dos 39 sindicatos filiados à Fiec ocorreu tão logo a nomeação de Lula como ministro foi confirmada pela presidente Dilma. O mesmo, segundo ele, ocorreu em estados como São Paulo, Santa Catarina e Paraná.

Mas a ideia é que as ações sejam feitas de forma coordenada pelas Federações de todo País. Ainda não está definida a forma com que o setor produtivo vai protestar, nem o prazo, mas uma paralisação nacional é uma possibilidade que está sendo considerada. "Pode haver uma parada nacional. Não sei quando vai ser. Fatalmente, não vai ser essa semana porque não tem organização para isso".

Outra medida que pode ganhar força é a suspensão de pagamento de impostos em nível federal. "Eu poderia dizer, por todo o Brasil, que cada cidadão pague seu imposto estadual, municipal, mas deixe de pagar o imposto nacional. Por 30 dias. Só isso. Para eles (o Governo) aprenderem o valor desse dinheiro", afirmou Beto, ressaltando que já foi procurado também por outras categorias, como a dos médicos.

Questionado se as medidas seriam para pressionar a saída de Lula do Governo ou o impeachment de Dilma, Beto diz que o ideal para o Brasil seria a renúncia da presidente. "Eu acho que, nessa altura, a renúncia seria algo fantástico, um ato de patriotismo (de Dilma)".

Ontem, na reunião da Fiec, o clima entre os empresários era de indignação. O presidente do Sindenergia, Elias Carmo, diz que a crise política, econômica e ética que o País atravessa está imobilizando o setor produtivo.

A opinião é compartilhada pelo empresário do setor agropecuário Carlos Prado, para quem a nomeação do Lula só vai contribuir para o descrédito do Brasil em relação ao resto do mundo e para instabilidade do mercado financeiro.

"Para nós é um desastre total, colocar nesta função um ex-presidente que até pouco tempo estava arriscado ir para uma prisão para dirigir o País, porque, na prática, é isso que está se observando. A situação se agrava cada vez mais".

O presidente do Sinditextil, Germano Maia, afirmou que o setor está disposto a radicalizar o movimento se for necessário. "O prejuízo maior que a gente está tendo é este governo que está aí. E se não mudar o Governo o prejuízo que vamos ter é fechar todas as fábricas".

## **Atividade sobe a 42,2 pontos em fevereiro, mas segue em nível de baixa, diz CNI**

17/03/2016 - Fonte: Paraná Online

A atividade industrial continua em queda no País, segundo a pesquisa Sondagem Industrial divulgada nesta quinta-feira, 17, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O índice que mede a evolução da produção ficou em 42,2 pontos em fevereiro ante 39,7 pontos em janeiro.

Embora maior que o observado no final do ano passado, destaca a CNI, o índice ficou abaixo dos 50 pontos, o que revela queda da produção, ainda que menos intensa do que no mês anterior.

A pesquisa revela ainda que o emprego industrial também cai menos em fevereiro do que em janeiro. O índice que mede a evolução do número de empregados aumentou de 41,4 pontos em janeiro para 42,8 pontos em fevereiro, também abaixo dos 50 pontos.

Na pesquisa, os índices de evolução da produção e do emprego variam de 0 a 100 pontos. Valores abaixo de 50 pontos indicam queda na produção ou no número de empregados.

Os estoques de produtos finais permanecem no nível planejado pela indústria, oscilando em torno da linha divisória de 50 pontos. O indicador de estoques recuou de 50,3 pontos em janeiro para 49,7 pontos em fevereiro.

O índice que mede o estoque efetivo em relação ao planejado passou de 54,6 pontos em janeiro para 54,2 pontos em fevereiro.

### **Capacidade instalada**

A atividade industrial continua no piso histórico da Sondagem Industrial divulgada pela CNI, iniciada em 2011. A utilização da capacidade instalada permaneceu em 62% em fevereiro, pelo terceiro mês consecutivo. O resultado é quatro pontos percentuais inferior ao registrado em fevereiro de 2015.

### **Expectativas**

O empresário industrial mantém a visão de perspectivas negativas para os próximos meses, mas o pessimismo foi menor. Os índices de expectativa de demanda e de compras de matérias-primas subiram mais de 1 ponto entre fevereiro e março. "Com isso, passam a acumular crescimento de 5,1 pontos e 4,7 pontos, respectivamente, no primeiro trimestre de 2016", informou a nota da CNI.

O índice de expectativa de número de empregados também mostra crescimento: 0,9 ponto em março e 2,7 pontos no trimestre.

A Sondagem Industrial divulgada nesta quinta-feira foi feita entre os dias 1º e 10 de março, com 2.480 empresas.